

FARJALLAT, Célia Siqueira. Tempo desfaz cenário grandioso das antigas fazendas cafeeiras: pouco restou hoje dos pomares, jardins floridos e sólidas sedes. Correio Popular, Campinas, 08 set. 2002.

Tempo desfaz cenário grandioso das antigas fazendas cafeeiras

POUCO RESTOU HOJE DOS POMARES, JARDINS FLORIDOS E SÓLIDAS SEDES

CÉLIA SIQUEIRA FARJALLAT
Do Correio Popular

As jovens gerações desconhecem o cenário grandioso e calmo das velhas fazendas de café que existiam ao redor de Campinas e que fizeram o alicerce do poderio econômico da região. Eram propriedades enormes; produziam de tudo, mantendo ainda os artifícios indispensáveis para toda a sorte de trabalhos: ferreiros, sapateiros, soldados, marceneiros, sem contar, é evidente, com os trabalhadores do campo e, ainda, carroceiros, careteiros e cocheiros.

As sedes eram casarões imensos, de arquitetura colonial, grossas taipas caídas de branco, telhados vermelhos, grades de ferro, e por toda a parte a exuberância da verdura, jardins cheios de sombras e de árvores, canteiros com jasmims, dália, bocas-de-leão, begônias, brincos-de-princesa e outras flores que saíram da moda. Atrás, ficava o pomar, repleto de goiabeiras, laranjeiras, marmeleiros, cujos frutos eram aproveitados para doces e compotas. O terreiro de café era

bem cuidado. As benfeitorias davam gosto: tulhas, moinhos, casa de máquinas. Em torno, os cafezais a se perderem no horizonte.

Matas densas, fontes, riachos, morros e campos completavam a paisagem bucólica, à qual a casa-grande emprestava a presença nobre de suas linhas patriarcais. Ali residia o proprietário com sua família sempre numerosa. Das amplas varandas, sombreadas de trepadeiras, com muitas redes

As grandes propriedades do passado se fragmentaram em pequenos sítios

para as sextas sossegadas, o fazendeiro podia acompanhar a vida de seu pequeno mundo. Perto ficava a capela, sempre sob a invocação de um santo milagreiro.

Este mundo, aparentemente sólido, desapareceu. As grandes fazendas fragmentaram-se em pequenos sítios. Os donos mudaram-se para a cidade. As meninas, educadas em colégios internos, quase sempre de formação francesa, criaram horror à vida sadia e laboriosa de fazendeiras. Os rapazes enveredaram para a política ou para as profissões liberais. E as fazendas foram morrendo. Algumas transformaram-se em taperas mal-assombradas. Poucas guardaram a antiga grandeza.

A Fazenda Pedra Branca, per-

tinho de Viracopos, conservou a antiga nobreza de linhas coloniais, a sobriedade dos adornos, a autenticidade e o encanto de outrora. Chão de tábuas largas, escadarias, salões, a grande sala de jantar, corredores longos e até a legenda de gemidos e ferros arrastados pelas almas penadas dos escravos, sem sossego nem no outro mundo.

Mais ainda. A Pedra Branca pertenceu, durante décadas ao engenheiro Carlos Alberto Coelho, que foi provedor da Irmandade do Santíssimo e que faleceu há alguns anos. Ele teve o bom gosto de respeitar o estilo do prédio, e ainda de restaurar aspectos que o tempo destruiu. Tinha planos para transformar a tulha em oficina artística. Morreu antes de concretizar esse e outros planos.

Algumas fazendas tradicionais estão irreconhecíveis atualmente. Perderam a atmosfera, o estilo. E essa perda é irreparável. Vai ser difícil reconstituir aqueles tempos. Mas vale tentar.

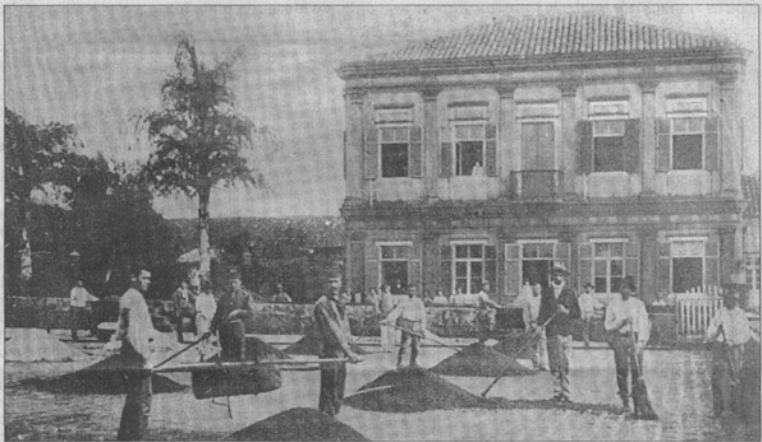


BAÚ DE HISTÓRIAS

Foto: REPRODUÇÃO/AAN



Foto histórica mostra propriedade rural de Campinas: auto-suficiência era uma das características



Os grãos de café são colocados para secar em terreiro de fazenda produtora em imagem de 1880